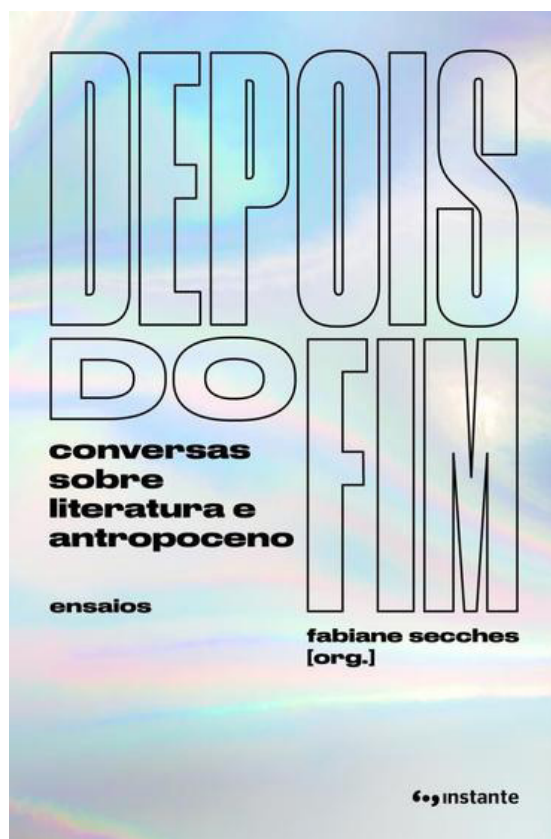


SACCHES, Fabiane (Org.). *Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno*. São Paulo: Editora, 2022, 136 p.

Valteir Vaz¹



Fonte: Divulgação

O propósito do livro *Depois do fim*, recém-publicado pela editora *Instante* e organizado pela psicanalista e crítica literária Fabiane Secches é, entre outros, o de dar um fim a esta discriminação que há no mundo inteiro entre os próprios seres humanos e os outros seres vivos. Para tanto foram reunidos treze autores-escritores, representando diferentes campos da cultura, para refletir sobre o Antropoceno, como o define Giovana Madalosso, a jornalista autora do primeiro escrito, “uma era marcada pela fascinação dos seres humanos por si mesmos, numa miopia narcísica que os impede de se reconhecerem como parte do todo.” Giovana dá também o tom do conjunto: trata-se mais de narrativas do que de ensaios, suscitadas por algum dado ou fato chocante e importantíssimo, como o que ela leu na revista *Piauí*, no artigo “Desastres em cascata “: Se o aumento de 2 graus centígrados no aquecimento global implicou a subida de 50 cm. do nível do mar, com as

¹ Professor de Teoria da Literatura na Fundação Santo André.

consequências destrutivas que conhecemos, o aumento de 8 graus centígrados significará **a extinção completa da vida no planeta**. O ensinamento que nos deixa a autora, diante desse terrível alerta, é o de passar da ideia à ação: com outros jornalistas e artistas montou a plataforma *Fervura*, que “procura falar sobre o clima com uma nova linguagem, simples e bem-humorada, de modo a popularizar o assunto”.

A questão da Etologia, a ciência que estuda o comportamento animal, cujo primeiro importante divulgador foi o prêmio Nobel Konrad Lorenz é considerada aqui (outros textos continuarão o assunto sob outros enfoques) pelo geógrafo Itamar Vieira Junior, o vencedor de vários prêmios com o romance *Torto Arado*. Em seu texto ele entabula um diálogo com J.M. Coetzee e suas narrativas sobre a existência animal, “o mundo-tempo dos seres sencientes” e a **universalidade de direitos**.

Já Daniel Munduruku enfoca a questão indígena numa dimensão oposta aos estereótipos que desde sempre marcaram o trabalho com essa temática de forma equivocada e preconceituosa, remetendo, entre outras considerações, à atenção dada à causa indígena pela constituição de 1988, mas expondo – entretanto – seus limites. “Posso ser quem você é, sem deixar de ser quem sou” diz ele, referindo-se a essa mesma constituição que “nos abriu a possibilidade de atuar na sociedade, mas nos obrigou a vestir a camisa dessa mesma sociedade”. E, o que é fundamental, ao refletir sobre a situação dos indígenas, hoje, juntando sua voz às de Davi Kopenawa e Bruce Albert em *A queda do céu*, reconhece: “Se no primeiro momento – logo com a abertura democrática – tivéssemos tido a clareza de que era necessário forçar a barra para a demarcação dos territórios, talvez hoje não estaríamos vivendo **o suplício do negacionismo**.”

Voltando ao encantamento que se experimenta ao ler essas “boas histórias”, Ana Rüsche, professora e pesquisadora de Literatura, conta-nos de suas lembranças infantis, em que o mundo era, sim, povoado de criaturas e animaizinhos antes que chegassem os homens com caminhões de terra e de tratores, mas não só: seu escrito é a defesa apaixonada da floresta, unindo sua voz à de Ursula K. Le Guin em seu livro *Floresta é o nome do mundo*, bem agora “quando o Brasil observa suas florestas frondosas serem aniquiladas”, e une sua voz, também, à de Susan Sontag, que nos fala da armadilha que pode esconder um imaginário pessimista a respeito do futuro: “O retrato de um futuro pior, sem soluções para o que vivenciamos hoje, ressoa com os desejos mais sistêmicos de transformar a própria representação do futuro em um **exercício de cinismo**, no qual a postura sádica se torna sábia, no qual o nihilismo nos mantém reféns de uma imaginação histórica limitada, a velha ideologia thatcherista do “*there is no alternative*”, não há alternativas se não aprofundar políticas neoliberais”.

Ao lado da defesa da floresta vem **a defesa do deserto**, com Paula Carvalho, historiadora, jornalista e editora da revista Quatro Cinco Um: “O deserto e a floresta são [...] de alguma forma equivalentes, por representarem não só o exótico, mas uma alteridade considerada radical em relação aos povos europeus. Os habitantes originários dessas paisagens – clãs beduínos ou de outras populações nômades na aridez do deserto -- são representados até hoje ou como “bons selvagens” ou como “bárbaros” que precisam ser “civilizados, ou ainda exterminados por serem vistos como um obstáculo ao progresso. E o deserto não é exclusivo do chamado “Oriente”, categoria geográfico-cultural imaginária altamente arbitrária, até hoje de definição confusa, criada em oposição a um “Ocidente” também de delimitações bastante fluidas”.

Quanto à noção **do cosmo como unidade interdependente**, Christian Dunker, psicanalista e professor, nos fala do *humanitismo* de Machado de Assis e da origem do curioso dito “ao vencedor, aos batatas” e – numa outra dimensão – de Alexander Humboldt (1769-1859) como precursor europeu das ideias sobre o Antropoceno: “Ele não só percebeu como praticamente demonstrou em seu *Quadros da natureza* que física, química e botânica se interpenetram como saberes conexos, assim como a geologia, a astronomia, a economia, a estatística as ciências da linguagem e , finalmente, a política. A variação da distribuição das plantas, conforme latitude e longitude, sua relação com o clima e a temperatura média, bem como a proximidade com a água e com os oceanos, envolvendo umidade e pressão atmosférica, consagrou um novo modelo de ciência(...) Ciência essa que reconhecerá na natureza um agente ativo, e não apenas uma massa inerte para ser dominada, colonizada e explorada”.

Do já mencionado *A queda do Céu* de Davi Kopenawa e Bruce Albert – um livro sagrado contra o fim do mundo-- e de sua correlação (espelhamento) com o *Popol Vuh* que versa sobre as cosmologias da civilização maia, nos conta, atualizando-nos, Micheline Verunschik, crítica e historiadora: “O trabalho de manter o céu em seu devido lugar tem sido uma luta cada vez mais inglória que , adverte Kopenawa, depois de sua morte e da de outros xamãs, talvez tenha por conclusão a descida de uma escuridão eterna sobre todos. Ao denunciar todos os infortúnios advindos do escarafunchar perpétuo nas profundezas da terra, *A queda do céu* questiona **as engrenagens de morte que sustentam o modo de produção capitalista**, de maneira que essa relação parece desvelar o caráter aterrorizante do capitalismo e de seus métodos, no sentido dado pelos filósofos, desde Friedrich Nietzsche a Gilles Deleuze e Félix Guattari, operando por uma **desterritorialização extrema e cínica**, “engrenagem imensa que torna a dívida infinita, e forma uma única e mesma fatalidade esmagadora”.

Túlio Custódio, sociólogo e “curador de conhecimento”, ao falar sobre o entendimento do afrossessimismo para desvendar e desmontar “**as lentes negadoras de sentido, insípidas inodoras e insossas, da realidade racista**”, nos presenteia com essa pérola que são as palavras da letra de “Homem na estrada”, uma canção em que um sujeito narra sua trajetória trágica:

É madrugada, parece estar tudo normal
Mas esse homem desperta, pressentindo o mal
Muito cachorro latindo, ele acorda ouvindo
Barulho de carro e passos no quintal
A vizinhança está calada e insegura
premeditando o final que já conhecem bem
na madrugada da favela não existem leis
Talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez
Vão invadir o seu barraco, “ É a polícia!”
Vieram para arregaçar, cheios de ódio e malícia
Filhos da puta, comedores de carniça
Já deram minha sentença e eu nem tava na treta
Não são poucos e já vieram muito loucos
Matar na crocodilagem, não vão perder viagem
Quinze caras lá fora, diversos calibres
E eu apenas com uma “treze tiros “automática
Sou eu mesmo e eu, meu deus e meu orixá
No primeiro barulho eu vou atirar
Se eles me pegam meu filho fica sem ninguém
É o que eles querem: mais um pretinho na Febem
Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim
A gente sonha a vida inteira e só acorda no fim, minha verdade
Foi outra, não dá mais tempo pra nada.

Paulo Scott, mestre em Direito público e doutorando em psicologia, refere-se ao ensaio de Antonio Candido “O direito à literatura” para propor a possibilidade de viver dialeticamente os problemas da existência. “[...] pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós **é também indispensável para o próximo**. Esta me parece a essência do problema, inclusive no

plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação a fim de reconhecemos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que nossos direitos são mais urgentes que os do próximo”.

Chegamos a Maria Esther Maciel, professora de literatura e especialista em literatura e animalidade que, estudando várias vozes de animais fora e dentro da ficção e fora e dentro do Direito, nos surpreende com as fronteiras do humano e não humano: “Mesmo que os estudos contemporâneos de etologia [...] reconheçam que muitas espécies não humanas são providas de consciência, não é possível, como escreveu o etólogo brasileiro César Ades, ‘chegar a um conhecimento dos conteúdos dessa consciência’. Isso porque, ‘as tentativas de se espiar dentro da consciência do animal, traduzindo suas percepções em percepções humanas ‘só levam’, segundo ele, ‘a conjeturas e metáforas’. E – continua Maria Esther—“ De fato, novas e reveladoras descobertas científicas sobre animais de várias espécies têm sido, frequentemente divulgadas pela ciência, o que não apenas contribui para a desestabilização dos chamados ‘próprios do homem’ que sustentaram e ainda sustentam o antropocentrismo do pensamento ocidental, como também põem em cheque a premissa de que só ao homem pode ser garantido o estatuto de sujeito”; e não só: nos levam a pensar **sobre os limites de nossa própria humanidade**”.

Fabiane Secches, a organizadora dessa coletânea, nos propõe um exercício de “alteridade radical” estudando a obra *Sobre os ossos dos mortos* da ganhadora do Nobel de literatura em 2018, Olga Tokarczuk, pois para acompanhara protagonista da trama e alter-ego da autora, senhora Dusheiko “em seus afetos e raciocínios peculiares, é necessário que estejamos **abertos a outras formas de perceber o mundo**. E, citando Olga: ‘O ser humano tem uma grande responsabilidade para com os animais selvagens: ajudá-los a sobreviver; e, quanto aos domésticos, retribuir seu amor e carinho, pois eles nos dão muito mais do que recebem. **é preciso que eles vivam sua vida dignamente.**” Entusiasmados com a ideia de dominar a natureza para que pudessem se proteger dela’ – conclui Fabiane – os seres humanos perderam a medida e, há muito, passaram a atacá-la, a destruí-la. Se não por ética, existem muitas outras razões para repensar os termos em que essa relação foi estabelecida. A pandemia que estamos vivendo é apenas uma delas”.

Em “Ecocrítica e Antropoceno”, a professora e crítica literária Aurora Bernardini retoma o pensamento crítico do escritor e ecologista Per Johns, recobrando as principais questões defendidas por ele no livro *Em busca do quem das coisas*, uma coletânea de ensaios ainda inédita a ela confiada pouco antes da morte do escritor. Dentre os temas tratados no ensaio (cultura científica x cultura humanista, imaginação, memória, literatura, antropologia etc.), recobremos o que se diz respeito ao antropoceno e à ecocrítica.

Neste âmbito, Bernardini reitera uma estreita conexão estabelecida por Per Johns entre a possibilidade de salvar nosso planeta dos impactos destrutivos das ações humanas e a necessária revivescência do que se tem genericamente chamado “mito”: “A literatura” – escreve Per Johns – “aprofunda-se, pelo menos, no paradoxo humano. E o faz por meio de estórias, fábulas, contos de fadas e mitos. Ou seja, ficções. É aí que se aprende um pouco sobre a mencionada defasagem entre discurso e ação. [...] sobre os estragos que o poder ocasiona nos indivíduos. [...] sobre o alcance insuspeito do insight ou intuição [...]. Sobre o deslocamento cada vez maior que se processa entre as pessoas e o meio que as vivifica. **É provável que se aprenda mais nos contos de fadas de Andersen sobre os móveis ocultos [...] do desconcerto ecológico de nossos dias do que em tratados científicos** (Grifos meus).

Finalmente, com seu escrito sobre a morte, que “é sempre uma ficção até que aconteça”, Natalia Timerman, psiquiatra e pesquisadora de Literatura, retoma o caminho da narrativa pessoal com que o livro começou refletindo sobre a morte do pai e a morte (anunciada) do prefeito de sua cidade natal. Citando a escritora Rosa Montero, só diante dos nascimentos e mortes é que saímos do tempo: ‘Quando uma criança nasce ou uma pessoa morre, o presente se parte ao meio e nos permite espiar durante um instante pela fresta da verdade – monumental, ardente e impassível’. E comenta:” Não é à toa que, perto da morte do meu pai, foi lendo literatura, fui lendo ficção que eu pude elaborar esta transfiguração do tempo. Essa devolução do tempo à sua própria matéria, inumana, humana, o encontro entre a existência e a ausência de mulheres e homens no mundo. **a ficção, assim como o ser humano, é fundada e fundamentada no fim.** Ouvindo vozes como a de Frank Kermode (“percebemos uma duração apenas quando organizada”) ou a de Bruno Latour (“**a mudança de paradigma é que pode nos salvar**”) ela comenta: “A mudança de paradigma que poderia nos salvar da catástrofe climática seria, segundo ele, ‘sustentar para sempre um discurso apocalíptico no tempo presente. Resgatar o tempo da finitude, da mortalidade [...]’, posicionarmo-nos como se estivéssemos no fim dos tempos’. Ora” – conclui a autora – ‘ como se’ é a própria ficção. Precisamos tornar o fim verossímil novamente, o que é algo que só a ficção pode fazer. As ficções, esses agentes de mudança, que talvez possam regenerar o mito do Apocalipse novamente em si mesmas para que, assim: verossímil, iminente o Fim possa continuar longe, mais uma vez desconfirmado”.